

HELEN FIELDING

*Bridget Jones*  
LOUCA PELO GAROTO

TRADUÇÃO

Ana Ban

Julia Romeu

Renato Prelorentzou



---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Helen Fielding

Proibida a venda em Portugal

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Bridget Jones : Mad About the Boy

*Capa*

Design @ Suzanne Dean

*Projeto gráfico*

Rita da Costa Aguiar

*Caligrafia*

Bebel Abreu

*Preparação*

Lígia Azevedo

*Revisão*

Luciana Baraldi

Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Fielding, Helen, 1958 –  
Bridget Jones : louca pelo garoto / Helen Fielding;  
tradução Ana Ban, Julia Romeu, Renato Prelorentzou.  
— São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Título original : Bridget Jones : mad about the boy

ISBN 978-85-359-2331-5

1. Jones, Bridget (Personagem fictício) — Ficção 2.  
Romance inglês. I. Título

13-11033

CDD-823

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance: Literatura inglesa 823

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

PRÓLOGO, 9

PARTE 1: Virgem de novo, 39

PARTE 2: Louca pelo garoto, 151

PARTE 3: Descida ao caos, 289

PARTE 4: A grande árvore, 383

O RESULTADO, 431

# Prólogo

QUINTA-FEIRA, 18 DE ABRIL DE 2013

**14h30** A Talitha acabou de me ligar, naquele tom de urgência que ela sempre usa, com voz de “vamos ser discretas, mas muito dramáticas”. “Querida, eu só queria que você soubesse que meu aniversário de sessenta anos vai ser no dia vinte e quatro de maio. Não vou REVELAR que vou fazer sessenta anos, é claro. E não comente com ninguém, porque não vou chamar todo mundo. Eu só queria que você não marcasse nada no dia.”

Entrei em pânico. “Vai ser ótimo!”, exclamei, num tom pouco convincente.

“Bridget. Você NÃO PODE deixar de ir.”

“Bom, o problema é que...”

“O quê?”

“O Roxster vai fazer trinta anos no mesmo dia.”

Silêncio do outro lado da linha.

“Bom, a gente provavelmente não vai mais estar junto até lá, mas, se estiver, seria...” fui diminuindo a voz.

“Eu acabei de colocar no convite da festa que não é para levar criança.”

“Ele já vai ter trinta anos!”, eu disse, indignada.

“Estou só brincando, querida. É claro que você precisa trazer seu garotão! Eu alugo um castelinho inflável pra ele! A gente vai entrar no ar de novo! Tenho que ir, beijos!”

Tentei ligar a televisão para ver se a Talitha tinha telefonado do programa ao vivo, enquanto a produção passava um vídeo, como já fizera tantas outras vezes. Apertei um monte de botões, confusa, como se fosse um macaco usando um celular. Por que para ligar uma televisão hoje em dia precisamos de três controles remotos com noventa botões? Por quê? Suspeito que seja obra de nerds tecnopatas de treze anos, que ficam em

seus quartos sórdidos competindo uns com os outros, fazendo com que todas as outras pessoas pensem que são as únicas no mundo que não entendem para que servem os botões e causando danos psicológicos em escala global.

Joguei os controles no sofá, irritada, e a tv ligou sem querer, mostrando a Talitha com a aparência perfeita, uma perna sensualmente cruzada sobre a outra, entrevistando aquele jogador de futebol moreno do Liverpool que não sabe controlar sua raiva e costuma morder as pessoas. O rapaz estava com cara de quem queria morder a Talitha, mas por outros motivos.

Muito bem. Sem pânico. Vou simplesmente avaliar os prós e os contras da festa de uma maneira calma e madura.

#### PRÓS DE LEVAR O ROXSTER À FESTA

- Seria péssimo não ir ao aniversário da Talitha. Ela é minha amiga desde a época em que eu trabalhava no *Atenção Grã-Bretanha*, quando ela era uma âncora incrivelmente glamorosa e eu era uma repórter incrivelmente incompetente.
- Seria bem divertido levar o Roxster e um motivo de orgulho, porque ele fazer trinta anos no dia em que a Talitha faz sessenta poria um fim a toda essa coisa de peninha-da-mulher-solteira-de-certa-idade, como se estivessem todas condenadas a permanecer solteiras, enquanto os homens dessa idade são agrados antes de terem tempo de concluir o divórcio. E o Roxster é lindo e tem uma pele de pêssego que, até certo ponto, nega a realidade do processo de envelhecimento.

#### CONTRAS DE LEVAR O ROXSTER À FESTA

- O Roxster é um homem que pensa por si próprio, e sem dúvida não gostaria de ser tratado como uma atração ou um aparato antienvelhecimento.
- Talvez ele deixe de gostar de mim no momento em que se vir cercado de gente velha numa festa de sessenta anos, e isso também pode destacar de maneira completamente desnecessária o

quanto sou velha, embora, é claro, eu seja muito mais nova que a Talitha. E, francamente, me recuso a aceitar minha idade. Como disse Oscar Wilde, trinta e cinco anos é a idade perfeita para uma mulher, tanto que muitas decidem adotá-la pelo resto da vida.

- É provável que o Roxster dê sua própria festa, com gente jovem aglomerada na varanda, fazendo churrasco e ouvindo música disco dos anos setenta como uma ironia retrô. Agora mesmo ele deve estar pensando em como não me convidar, para que seus amigos não descubram que está saindo com uma mulher que tem literalmente idade para ser sua mãe. Na verdade, com a puberdade precoce, por causa dos hormônios no leite, tecnicamente seria possível que eu fosse avó dele. Ai, Deus. Por que pensei nisso?

**15h10** Aargh! Tenho que buscar a Mabel em vinte minutos e ainda não preparei os biscoitos de arroz. Aargh. Telefone.

“Brian Katzenberg vai falar com você.”

Meu novo agente! Um agente de verdade! Só que eu ficaria MAIS do que atrasada para pegar a Mabel se ficasse conversando.

“Posso ligar para o Brian depois?”, perguntei, tentando passar margarina nos biscoitos e colocá-los num Ziploc com uma mão só.

“É sobre o seu roteiro especulativo.”

“É... que... estou numa reunião!”. Como eu podia estar numa reunião e ao mesmo tempo falar no telefone para avisar que estava numa reunião? Os assistentes é que devem dizer que alguém está em reunião, não a pessoa em si, que supostamente não devia poder dizer nada, porque está numa reunião.

Corri para a escola, desesperada para retornar a ligação e descobrir o que o Brian queria. Ele já mandou meu roteiro para duas produtoras, mas as duas o recusaram. Será que agora um peixe mordeu a isca?

Controlei uma vontade absurda de ligar para ele e dizer

que minha “reunião” tinha acabado de repente. Mas é muito mais importante chegar na hora para pegar a Mabel, porque eu sou o tipo de mãe amorosa que põe os filhos em primeiro lugar.

**16h30** A ida até a escola foi ainda mais caótica que o normal. Uma versão de *Onde está Wally?*, com milhões de mulheres maricelas, bebês em carrinhos, homens em vans brancas desafiando donas de casa com doutorado em seus carros enormes, um homem numa moto com um baixo acústico nas costas e mães naturebas em bicicletas com cestas cheias de crianças na frente. A rua estava completamente engarrafada. De repente, uma mulher veio correndo freneticamente e gritando: “Voltem, VOLTEM! VAMOS LÁ! NINGUÉM ESTÁ AJUDANDO AQUI!”.

Percebendo que algum acidente horrível tinha acontecido, eu e todos os outros começamos a dar ré loucamente, subindo com os carros na calçada e nos jardins alheios para que os paramédicos pudessem passar. Quando a rua estava livre, espichei o pescoço, assustada, esperando ver uma ambulância e/ou um banho de sangue. Mas não tinha nada disso, só uma mulher muito chique rebolando até um Porsche preto e depois correndo furiosamente pela rua desimpedida, olhando feio para todo mundo, com uma criança pequena de uniforme no banco do passageiro.

Quando finalmente cheguei à escolinha da Mabel, ela era a única criança que havia sobrado nos degraus da entrada, com exceção do Thelonius, que estava prestes a ir embora com a mãe.

A Mabel me olhou com seus olhos enormes, muito sérios.

“Vamos embora, amiguinha”, ela disse com doçura.

“Estávamos nos perguntando aonde você tinha ido!”, disse a mãe do Thelonius. “Esqueceu a escola de novo?”

“Não”, eu disse. “A rua estava completamente engarrafada.”

“A mamãe tem cinquenta e um!”, gritou a Mabel de repen-

te. “A mamãe tem cinquenta e um. Ela diz que tem tlinta e cinco, mas tem cinquenta e um.”

“Psiu. Hahahaha!”, eu disse, diante dos olhos arregalados da professora. “Vamos logo pegar o Billy!”

Consegui enfiar a Mabel — que ainda gritava “A mamãe tem cinquenta e um!” — rapidamente dentro do carro, me inclinando no tradicional movimento de retorcer o corpo todo, que fica mais difícil a cada ano, e coloquei o cinto de segurança depois de tatear por toda a bagunça entre o banco e a cadeirinha.

Cheguei à escola fundamental para pegar o Billy e encontrei a Nicolette, uma das mães da escola (casa perfeita, marido perfeito, filhos perfeitos; a única leve imperfeição é o nome, presumivelmente escolhido por seus pais antes da invenção do Nicorette, o popular substituto do cigarro), rodeada por um bando de mães. A perfeita Nicolette estava perfeitamente vestida e com o cabelo perfeitamente escovado, segurando uma bolsa perfeitamente gigantesca. Eu me aproximei, ofegante, para ver se conseguia descobrir qual era o mais novo problema da escola, bem na hora em que a Nicolette jogou o cabelo para trás, irritada, quase atingindo meu olho com a ponta da bolsa gigante.

“Eu perguntei por que o Atticus ainda está no time reserva de futebol — o menino tem chegado em casa literalmente às lágrimas — e o sr. Wallaker simplesmente disse: ‘Porque ele é muito ruim. Mais alguma coisa?’”

Dei uma espiada naquele que era o mais novo problema da escola: o novo professor de educação física — atlético, alto, um pouco mais jovem do que eu, cabelo bem curto, parecido com o Daniel Craig. Ele estava pensativo, observando um grupo de meninos bagunceiros, quando de repente apitou e gritou: “Ei! Vocês aí. Para o vestiário agora ou vão levar uma advertência.”

“Estão vendo?”, continuou a Nicolette conforme os meninos formavam uma fila maluca e tentavam entrar na escola marchando e gritando “Um, dois! Um, dois!”, como civis assus-



tadiços recrutados para participar de um levante, enquanto o sr. Wallaker apitava para marcar o ritmo de um jeito ridículo.

“Mas que ele é gato, é”, disse a Farzia. Ela é minha preferida entre as mães da escola, sempre com as prioridades certas.

“Gato, mas casado”, disse a Nicolette, irritada. “E com filhos, apesar de ser difícil de imagina isso.”

“Ele não é amigo do diretor?”, perguntou outra mãe.

“Exatamente. Nem sei se ele é formado em educação física”, disse a Nicolette.

“Mamãe.” Virei o rosto e vi o Billy com seu blazerzinho, os cabelos escuros desalinhados e a camisa para fora da calça. “Não fui escolhido para a equipe de xadrez.” Os mesmos olhos, aqueles mesmos olhos escuros, transpassados pela dor.

“Ser escolhido ou ganhar não tem importância”, eu disse, dando um abraço furtivo nele. “O que conta é quem você é.”

“É claro que tem importância.” Aargh! Era o sr. Wallaker. “Ele tem que treinar. Tem que merecer.” Quando o professor se virou, eu o ouvi murmurando “As mães desta escola acham que os filhos são os reis do mundo, não dá pra acreditar.”

“Treinar?”, eu disse sarcasticamente. “Que coisa! Eu nunca ia pensar nisso! Você deve ser muito inteligente, sr. Wallaker! Digo, comandante!”

Ele me fitou com seus olhos azuis e frios.

“E o que isso tem a ver com educação física?”, continuei, num tom muito doce.

“Eu dou aula de xadrez também.”

“Que maravilha! E você usa o apito?”

O sr. Wallaker ficou desconcertado por um momento e então disse: “Eros! Saia desse canteiro. Agora!”

“Mamãe”, disse o Billy, puxando minha mão. “Os que foram escolhidos podem faltar na aula dois dias para ir ao torneio de xadrez.”

“Eu treino com você.”

“Mas, mamãe, você é muito ruim no xadrez.”

“Não sou, nada! Sou ótima no xadrez. Já ganhei de você!”

“Não ganhou nada.”

“Ganhei!”

“Ganhou nada.”

“Bom, eu estava perdendo de propósito porque você ainda é criança”, eu disse, sem pensar. “E além do mais não é justo, porque você faz aula de xadrez.”

“Talvez você deva entrar na aula de xadrez, sra. Darcy.” AI, MEU DEUS. Por que o sr. Wallaker ainda estava escutando? “É preciso ter no máximo sete anos, mas eu acho que deve valer idade mental. O Billy contou a outra novidade?”

“Ah!”, disse o Billy, se alegrando. “Estou com piolho!”

“Piolho!” Eu olhei para ele horrorizada, colocando a mão instintivamente no meu cabelo.

“É, piolho. Todos eles estão.” O sr. Wallaker olhou para baixo com um leve brilho zombeteiro nos olhos. “Sei que isso vai ser uma calamidade pública para as mães peruas de Londres e seus cabelos arrumados, mas você só precisa passar um pente fino no cabelo deles. E no seu, é claro.”

Ai, Deus. O Billy vinha coçando a cabeça recentemente, mas eu meio que deixei para lá, porque tinha coisas demais com que me preocupar. Comecei a imaginar várias perninhas rastejando na minha cabeça e fiquei zozza. Se o Billy estava com piolho, então era provável que a Mabel estivesse, e eu também, o que significa que... o Roxster estava com piolho.

“Está tudo bem?”

“Não, sim, claro!”, eu disse. “Tudo bem, maravilhoso, tchauzinho então, sr. Wallaker.”

Eu me afastei, segurando a mão do Billy e da Mabel, e ouvi um ping de mensagem de texto. Imediatamente coloquei os óculos para ler. Era do Roxster.

Se atrasou muito hoje de manhã, linda? Que tal eu pegar o ônibus pra sua casa hoje e levar uma torta?

Aargh! O Roxster não pode ir lá para casa e vou ter que

passar pente fino em todo mundo e lavar todas as fronhas. Não é muito normal ter que pensar numa desculpa para cancelar um encontro com seu garotão porque a casa inteira está com piolho. Por que eu sempre me enrolo tanto?

**17h** Chegamos atabalhoados na nossa casinha geminada, carregando as mochilas, desenhos e bananas amassados de sempre, além de mais uma sacola enorme cheia de produtos para piolho que comprei na farmácia, e descemos a escada no maior alarde, passando pela sala/ escritório (cada vez mais obsoleta, exceto pelo sofá-cama e pelas caixas vazias da John Lewis), até chegar ao porão/ cozinha/ sala de estar, onde a gente passa a maior parte do tempo. Coloquei o Billy para fazer a lição de casa e a Mabel para brincar com seus coelhinhos enquanto eu preparava o espaguete à bolonhesa. Agora não tenho a menor ideia do que vou responder ao Roxter quanto a nos vermos hoje à noite e não sei se devo falar dos piolhos.

**17h15** Talvez não.

**17h30** Ai, Deus. Tinha acabado de mandar: Eu ia amar, mas tenho que trabalhar hoje à noite, então melhor não, a Mabel de repente deu um pulo e começou a cantar a música que o Billy mais odeia perto dele. “Forgeddaboudermoneymoneymoney, wedon’ needyermoneymoney, money!” Então o telefone tocou.

Agarrei o aparelho. O Billy deu um salto, gritando “Mabel, pare de cantar Jessie J!” quando a voz da recepcionista ronrou: “Brian Katzenberg vai falar com você”.

“Hum... Será que eu poderia retornar a ligação para o Brian em...”

“Berbling berbling!”, cantou a Mabel, correndo em volta da mesa atrás do Billy.

“O Brian está na linha agora.”

“Não! Será que você podia..”

“Mabel! Paaaaaaareeee!”, gritou o Billy.

“Psiu! Eu estou no TELEFONE!”

“Oiiii!”, soou a voz apressada e alegre do Brian. “Então! Ótima notícia! A Greenlight escolheu seu roteiro.”

“O quê?”, eu disse, com o coração dando um salto. “Isso quer dizer que ele vai virar um filme?”

O Brian deu uma sonora gargalhada. “O cinema não funciona assim! Eles só vão lhe dar uma pequena quantia para ficar com os direitos de produzir o roteiro e..”

“Mãããeeee! A Mabel pegou uma faca!”

Coloquei a mão no fone e sussurrei com fúria: “MABEL! Dê essa faca aqui! Agora!”

“Alô? Alô?”, dizia o Brian. “Laura, acho que a ligação caiu...”

“Não! Eu estou aqui!”, eu disse, me atirando sobre a Mabel, que agora estava se atirando sobre o Billy com a faca em punho.

“Eles querem fazer uma reunião preliminar segunda-feira ao meio-dia.”

“Segunda! Ótimo!”, eu disse, tentando arrancar a faca das mãos da Mabel. “Essa reunião preliminar é como se fosse uma entrevista...?”

“Mãããeeeeeeee!”

“Psiu!” Arrastei os dois para o sofá e comecei a lutar com os controles.

“É que eles têm algumas questões com o roteiro e querem discutir isso antes de decidir se vão mesmo seguir em frente.”

“Entendi, entendi.”

De repente, estava me sentindo magoada e indignada. Quer dizer que eles *já tinham* questões com meu roteiro? Mas que questões poderiam ser?

“Então lembre que eles não vão...”

“Mãããeee, eu estou sangrando!”

“Quer que eu ligue de volta daqui a pouco?”

“Não! Imagine!”, perguntei, desesperada, enquanto a Mabel gritava “Chame a ambulância!”.

“O que você estava dizendo?”

“Eles não vão querer uma roteirista inexperiente que também seja difícil. Você vai ter que dar um jeito de aceitar o que eles quiserem.”

“Entendi, entendi, então não é para ser uma mala?”

“Isso!”, disse o Brian.

“Meu irmão vai morrer!”, gritou a Mabel, aos soluços.

“Hum, está tudo...?”

“Não, ótimo, incrível, segunda ao meio-dia então!”, eu disse, no mesmo segundo em que a Mabel gritou: “Eu matei meu irmão!”.

“Certo”, disse o Brian, nervoso. “Vou pedir à Laura para te passar os detalhes por e-mail.”

**18h** Quando a algazarra estava sob controle, depois de eu ter colocado um curativo do Super-Homem no minúsculo corte no joelho do Billy, marcado alguns pontinhos pretos na coluna da Mabel na Tabela das Consequências e enchido os dois de espaguete à bolonhesa, flashes variados passavam pela minha cabeça, como quando alguém está se afogando, só que de maneira mais otimista. O que eu ia vestir para ir à reunião, e será que eu ia ganhar um Oscar de melhor roteiro adaptado? E aquela história de que a aula da Mabel ia acabar mais cedo na segunda e como é que eu ia buscar os dois? O que eu ia vestir no Oscar e será que devia contar ao pessoal da Greenlight que o Billy estava com piolho?

**20h** *9 piolhos encontrados: 2 adultos, 7 lêndeas (m.b.)*

Acabei de dar banho nas crianças e de passar pente fino nelas, o que na verdade é muito legal. Encontrei dois piolhos no cabelo do Billy e sete lêndeas atrás das orelhas — duas atrás de uma e uma magnífica leva de cinco atrás da outra orelha. É

tão satisfatório ver os pontinhos pretos aparecerem no pente branco. A Mabel ficou chateada por não estar com piolho, mas se alegrou depois que deixei que eles passassem o pente em mim e ela viu que eu também não tinha nenhum. O Billy ficou balançando o pente e dizendo, muito orgulhoso: “Eu tinha sete! Eu tinha sete!”. Mas, quando a Mabel começou a chorar, ele carinhosamente colocou três lêndeas dele no cabelo dela, e a gente teve que passar o pente nela de novo.

**21h15** Crianças na cama. Estou animadíssima com a reunião. Sou uma profissional de novo e vou a uma reunião! Vou usar o vestido de seda azul-marinho e fazer uma escova no cabelo, apesar do desdém do maldito sr. Wallaker por cabelos arrumados; e apesar da incômoda sensação de que essa mania crescente das mulheres por escovas está transformando todas elas naqueles homens do século XVIII (ou XVII?), que só se sentiam confortáveis em situações públicas quando usavam perucas empoadas.

**21h21** Ah, mas será que é moralmente errado fazer uma escova quando eu talvez tenha lêndeas não detectadas no início de seu ciclo de vida de sete dias?

**21h25** Sim. É moralmente errado. Será que o Billy e a Mabel não podem ir à casa dos amiguinhos?

**21h30** Também acho que devia falar dos piolhos para o Roxster, já que mentir é ruim em um relacionamento. Mas talvez nesse caso seja melhor mentir do que passar piolho para ele.

**21h35** Os piolhos parecem estar criando um número inacreditável de dilemas morais modernos.

**21h40** Aargh! Acabei de procurar em todas as minhas rou-

pas (ou seja, na pilha que está em cima da bicicleta ergométrica) e em todos os armários e não encontro meu vestido de seda azul-marinho. Não tenho nada para vestir para a reunião. Nada. Como é que eu posso ter todas essas roupas atoladas no armário e aquele vestido ser o único que posso usar em qualquer ocasião importante?

Resolução para o futuro: em vez de passar as noites devorando monte de queijo ralado e tentando não tomar vinho, vou pegar peça por peça de roupa calmamente, dar tudo o que não uso há um ano para os pobres e organizar o resto num guarda-roupa compacto, fácil de combinar, para que o processo de me vestir se torne uma alegria tranquila em vez de uma bagunça histórica. E também vou passar vinte minutos andando na bicicleta ergométrica. Uma bicicleta ergométrica, é claro, não é a mesma coisa que um guarda-roupa.

**21h45** Se bem que talvez não seja um problema usar o vestido de seda azul-marinho o tempo todo, como o dalai-lama faz com as vestimentas dele. Se eu conseguisse encontrar mais vestidos desses para comprar. Imagino que o dalai-lama tenha diversas roupas iguais ou alguém que possa lavar aquela a qualquer hora, e que não as deixe no fundo de um armário cheio de roupas que ele comprou na Topshop, na Oasis, no ASOS, na Zara etc., e que não usa.

**21h46** Ou em cima da bicicleta ergométrica.

**21h50** Acabei de subir para ver como estão as crianças. A Mabel estava dormindo, com todo o cabelo na cara, como sempre, de um jeito que parece que ela está com a cabeça virada para trás, e segurando a Saliva. Saliva é a boneca dela. O Billy e eu achamos que ela confundiu o nome com a Sabrina, Aprendiz de Feiticeira, mas a Mabel acha o nome perfeito.

Beije a bochechinha quente do Billy, todo aninhado com

o Mario, o Cavalinho, o Puffle Um e o Puffle Dois, quando a Mabel ergueu a cabeça, disse “O tempo anda lindo, não é mesmo?” e voltou a se deitar.

Fiquei observando os dois, tocando seus rostinhos macios e ouvindo a respiração de seus narizes entupidos quando tive o pensamento fatídico — aquele “Se ao menos...” invadiu minha cabeça sem pedir licença. A escuridão, as lembranças, a tristeza cresciam e me levavam como um tsunami.

**22h** Corri lá para baixo, para a cozinha. Pior ainda: tudo no maior silêncio, desolado, vazio. “Se ao menos...” Pare. Não posso me dar ao luxo de fazer isso. Ponha a chaleira no fogo. Não vá para o lado negro.

**22h01** Campainha! Graças a Deus! Mas quem poderia ser a essa hora da noite?